

# OXIGÊNIO

JANEIRO 2025

o

NÚMERO 65

RIO DE  
CORPO  
E ALMA



# EDITORIAL

## UM RIO DE INSPIRAÇÃO

Às vésperas de completar 460 anos, o Rio de Janeiro continua lindo. E plural. Principal centro turístico do país, tem a paisagem urbana classificada como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO; tem o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar; tem samba no DNA; tem incontáveis favelas, tem subúrbio, tem a Central do Brasil, tem o Reveillon mais famoso do país, tem praias com marés para todo o tipo de banhistas; tem clima de alegria no ar.

Capital do país até 1960, a cidade foi protagonista de importantes eventos culturais, entre os quais o Cinema Novo, a Esquerda Festiva, a Bossa Nova, a Pintura Pop e a exposição "*Como vai você, Geração 80?*", mostra de arte que ocorreu na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, entre 14 de julho e 13 de agosto de 1984, considerada um marco para a renovação das artes visuais e da política do país: reuniu 123 artistas, atraiu milhares de pessoas e criou uma relação inédita entre arte e público.

E é essa relação entre a cidade e a arte o mote da exposição "*Rio de Corpo e Alma*", que abre suas portas no casarão do Museu Histórico da Cidade, na Gávea, dia 19 de janeiro, um dia antes do aniversário de São Sebastião, padroeiro da cidade. A mostra – capa desta edição – apresenta o trabalho de dez artistas contemporâneos convidados a apresentar obras inspiradas nas histórias e características do Rio de Janeiro, a partir de um seletivo acervo da reserva técnica do museu, trazendo um diálogo entre o passado e o presente da cidade, através de diferentes linguagens. Parabéns Rio!

Feliz Ano Novo!

Capa: André Arruda, *Bate-Bola em Pilares*, 2019

# ÍNDICE

04

**OXIGENE:** *Shakespeare Embriagado* volta a cartaz em São Paulo | Estão abertas as inscrições para os Cursos de Férias na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage (RJ) | *“Meu Caro Amigo”*, monólogo musical em homenagem a Chico Buarque, volta a cartaz depois de 15 anos | São Paulo Escola de Dança lança livro gratuito *“CorpoMapa: Dança e Educação”* | *“A Luta”*, com Amaury Lorenzo, nos dias 11 e 12 no Teatro Clara Nunes, Gávea, RJ | *“Eu Sou um Hamlet”*, solo de Rodrigo França, estreia em São Paulo

15

**MATÉRIA DE CAPA:** *“Rio de Corpo e Alma”*, exposição inédita em comemoração aos 460 anos do Rio de Janeiro

23

Um olhar afetivo para a arte brasileira: Luiz Buarque de Hollanda

28

*Pranteio*, de Niura Bellavinha

34

*Labirinto*, de André Severo, na Caixa Cultural Brasília

38

*A natureza que me habita*, de Ana Durães

41

Todas as camadas de Leda Maria Martins na Ocupação Itaú Cultural

45

O Saber e o Fazer dos Artistas Populares no Mercado Brasil de Artesanato Tradicional, RJ

48

Núcleo Toada celebra 18 anos com mostra de repertório, espetáculo inédito e ações que marcam protagonismo feminino

Jornalista Responsável: Vera Matagqueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone  
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | [oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com) | [www.oxigeniorevista.com](http://www.oxigeniorevista.com)

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.



Foto: Ronaldo Gutierrez

## SHAKESPEARE EMBRIAGADO volta a cartaz em São Paulo

*Releitura do clássico inglês promete diversão e álcool para a plateia, que é convidada a interagir com atores, numa versão divertida de Shakespeare*

Espectáculo que viralizou na internet e virou sucesso entre os passeios que misturam gastronomia com teatro, *Shakespeare Embriagado* retorna este mês, completando um ano em cartaz. A nova temporada – no bar Coringa Madá, Vila Madalena – tem início no dia 17 de janeiro, com sessões todas as sextas-feiras, sempre às 20h30. Uma sessão especial acontecerá no sábado, dia 25/01, feriado de aniversário da cidade de São Paulo. Munidos de álcool, os atores apresentam

uma adaptação de Hamlet, mesclando o texto original com improvisos e a interação do público.

O diretor Dagoberto Feliz traz uma adaptação de Hamlet, que narra a jornada do príncipe dinamarquês em busca de vingança pela morte do pai. O espetáculo une o texto clássico com a espontaneidade dos improvisos dos atores que, junto com o público, constroem novas possibilidades a cada apresentação. “*A função do elen-*

*co é contar a história completa. O tempo e o álcool podem alterar a forma de contá-la, mas não seu conteúdo”, explica Feliz.*

Para o diretor, o encanto da montagem é *“fazer Shakespeare o mais ‘esteticamente popular’ possível. E nada melhor do que o ambiente de um bar, onde as pessoas estejam à vontade para participar e mostrar seu entusiasmo, ou desaprovação, com o que acontece na cena”, diz.*

No elenco, estão Livia Camargo, Robert Gomez, Bruna Assis, Michel Waisman e Guilherme Tomé. A equipe é composta ainda pela dramaturgista Karol Garrett, o diretor assistente Guilherme Tomé e o diretor musical Fernando Zuben, com produção da Benjamin Produções.

Em cada sessão os atores bebem moderadamente; um deles, um pouco mais, seja whisky ou tequila, sendo acompanhado por um espectador na primeira dose, para confirmar a autenticidade da bebida. *“Uma festa! Hilaridade e muita confusão acontecem quando os atores – alguns sóbrios e outros não – tentam manter o roteiro no trilho”, diz o produtor Henrique Benjamin, responsável pela montagem.*

Com o álcool, as tragédias de Shakespeare ganham um tom de comédia, brinca Benjamin. O público tem o poder de influenciar várias cenas, forçando os atores a improvisar e manter o foco.

Cada apresentação é única, e cada uma conta com a presença de um "patrono", que vivencia uma experiência exclusiva, com direito a um trono real, coquetel da casa e decisões cruciais para o desenrolar da trama. A plateia também pode ser escolhida para integrar a "trupe de atores" ou interpretar o "fantasma do rei".

*“Quem conhece bem a história poderá se divertir na comparação com o texto original; quem não a conhece*

*irá se divertir com os quiprocós rocambolescos da família do Príncipe Hamlet”, aposta o diretor.*

## SERVIÇO

### **Shakespeare Embriagado**

*Coringa Madá*

Rua Luís Murat, 370, Vila Madalena, São Paulo / SP

*Dias/Horários:* dias 17, 24 e 31 de janeiro, todas as sextas, às 20h30;

sessão extra dia 25 de janeiro, sábado, às 20h30 – feriado de aniversário de São Paulo

*Duração:* 60 minutos | *Classificação:* 18 anos

*Valor da entrada:* R\$ 60

*Vendas Online:* [www.sympla.com.br](http://www.sympla.com.br)



# Estão abertas as inscrições para os Cursos de Férias na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage (RJ)

*São proposições de curta duração, de diversas linguagens artísticas,  
nos formatos presencial e online*

A Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage – que ocupa a maior floresta urbana do mundo, na Zona Sul do Rio – abre matrículas para os cursos de férias, ministrados durante o mês de janeiro. São ao todo 22 opções, com valores a partir de R\$ 496, direcionadas a adultos, jovens e crianças, com duração de até quatro semanas.

*“Em quase cinco décadas de experimentação cotidiana no ensino, a EAV reafirma a sua relevância como uma das principais escolas de arte do país e da América Latina, na formação de artistas e novos públicos, contribuindo de maneira singular com a arte contemporânea brasileira e a produção de pensamento crítico”, diz Alberto Saraiva, diretor da instituição.*

Entre os cursos inéditos, *Poéticas Visuais: Cognição e Inteligência Artificial*. Com aulas presenciais, o artista visual, pesquisador e professor Chico Fernandes parte de uma abordagem inovadora sobre o impacto da inteligência artificial nos processos criativos e de cognição. Propõe uma imersão na interseção entre arte e Inteligência Artificial (IA), oferecendo uma introdução prática e teórica sobre como a tecnologia está transformando o campo artístico e subjetividade humana.

Em *Escrita de Artista*, o curador e professor, Franz Manata, propõe um espaço para o desenvolvimento da escrita como ferramenta poética no processo criativo. O curso apresenta textos de grandes artistas, suas obras,

vida e questões estéticas, como forma de estimular a produção individual dos participantes. As aulas, presenciais, acontecem nas quartas-feiras à noite (início 8 de janeiro).

A grade completa está disponível no site da EAV ([eavparquelage.rj.gov.br](http://eavparquelage.rj.gov.br)) e as matrículas já podem ser realizadas de forma digital. Todos os cursos seguirão o mesmo modelo do início ao fim, presenciais ou online – neste caso com aulas ao vivo, por meio de videoconferência, privilegiando a interação entre professor e turma.

## SERVIÇO

### **Cursos de Férias – Janeiro 2025 – EAV Parque Lage**

6 de janeiro a 17 de fevereiro de 2025

Rua Jardim Botânico, 414, Rio de Janeiro / RJ

Website: <https://eavparquelage.rj.gov.br/v2/>

Whatsapp: (21) 99228-7955 – Secretaria 1

(21) 96654-3179 – Secretaria 2

Matrículas: <http://eavparquelage.rj.gov.br/cursos>





Kelzy Ecard

Foto: Renato Mangolin

## “MEU CARO AMIGO”, monólogo musical em homenagem a Chico Buarque, volta a cartaz depois de 15 anos

*Visto por mais de 20 mil espectadores, o espetáculo conquistou o público ao lembrar a história do país a partir da vida de Norma, uma professora apaixonada pela obra de Chico Buarque. A estreia acontece no dia 20, no Teatro Firjan Sesi Centro, RJ*

“Meu caro amigo”, com a atriz Kelzy Ecard, volta a cartaz depois de 15 anos de sua estreia. Com direção de Joana Lebreiro e texto de Felipe Barenco, o espetáculo revisita a história do país a partir de uma to-

cante homenagem ao compositor Chico Buarque de Hollanda. A peça – que ficou cinco anos em cartaz – viajou pelo país sempre com sessões lotadas, promovendo o encontro de gerações. A nova temporada

segue até 25 de fevereiro, com sessões sempre às segundas e terças-feiras, às 19h.

O autor Felipe Barenco, a diretora Joana Lebreiro e a atriz e idealizadora Kelzy Ecard decidiram remontar o espetáculo ao perceberem a atualidade da trajetória de Norma Aparecida, uma professora de história, apaixonada pelo Chico Buarque, que decide fazer um show para declarar todo seu amor ao ídolo. A encenação brinca com a alternância de músicas em suas versões originais e outras cantadas ao vivo. Mais de 30 clássicos, como “A banda”, “Apesar de você” e “Samba do Grande Amor”, estão na trilha sonora. O repertório cantado ao vivo por Kelzy Ecard é acompanhado pelo pianista João Bittencourt.

*“Sou muito fã do Chico, desde a adolescência. Ele foi – e é – trilha sonora de vários momentos da minha vida. Outro dia me peguei chorando vendo alguns vídeos dele e de outros artistas, por causa da beleza e grandiosidade da sua obra. Foi lindo o trabalho que fizemos para trazer a peça para os dias de hoje. Afinal, 15 anos se passaram e era inevitável ter outro olhar sobre o espetáculo”, comemora Kelzy Ecard.*

Na trama, Norma viveu as grandes transformações do país de forma intensa e apaixonada: a infância e adolescência em plena ditadura militar, a luta pela redemocratização com os colegas de faculdade e uma inesquecível história de amor no desbunde dos anos 80 com as Diretas Já. E mesmo nos momentos mais difíceis, com uma relação familiar conturbada após o falecimento de sua mãe, Norma nunca se sentiu completamente sozinha: era como se Chico Buarque de Holanda adivinhasse todos os seus sentimentos e criasse as músicas pensando nela. Agora, aos 60 anos, ela decide realizar um sonho acalentado desde menina: homenagear seu ídolo e cantar a trilha sonora de sua vida. *“Sempre foi marcante para a gente ver as pessoas*

*voltando ao teatro trazendo outras – muitas vezes pessoas da família, de outras gerações. Isso é algo que me encanta no teatro, espetáculos que toquem em temas de memória coletiva e que promovam encontro de gerações. Esta volta é uma celebração à força e afetuosidade deste espetáculo. Percebemos que a peça continua muito impactante – algumas cenas referentes à época da ditadura continuam completamente atuais. São reflexões políticas e sociais que a gente se faz até hoje”,* comenta a diretora Joana Lebreiro.

Apesar da atualidade do texto, o autor Felipe Barenco acrescentou algumas cenas que remetem à história mais recente do país. A vida de Norma é contada de 1966 a 2016. *“Após 15 anos da estreia e por tudo que vivemos no país, politicamente falando de lá para cá, o espetáculo ganhou uma atualidade absurda. Tive a oportunidade de rever o texto com mais maturidade e acredito que o espetáculo retorna ainda mais forte e com toda a afetuosidade que conquistou o público. Todos os conflitos são apresentados pelo filtro familiar. Em tempos de tanto ódio, é uma peça que fala de amor”,* acrescenta Felipe.

## SERVIÇO

### **Meu Caro Amigo**

De 20 de janeiro a 25 de fevereiro de 2025

Teatro Firjan SESI CENTRO

Avenida Graça Aranha, 1, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2563-4168 e 2563-4163

Dias/Horários: segunda e terça, às 19h

Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia-entrada)

Duração: 1h20 | Classificação: 12 anos

Venda de ingressos: Sympla

(<https://bileto.sympla.com.br/event/101291/d/292428>)

e na bilheteria do teatro. Horário de funcionamento:

de segunda a sexta, das 12h às 19h. Sábados, domingos e feriados, 2h antes do evento.



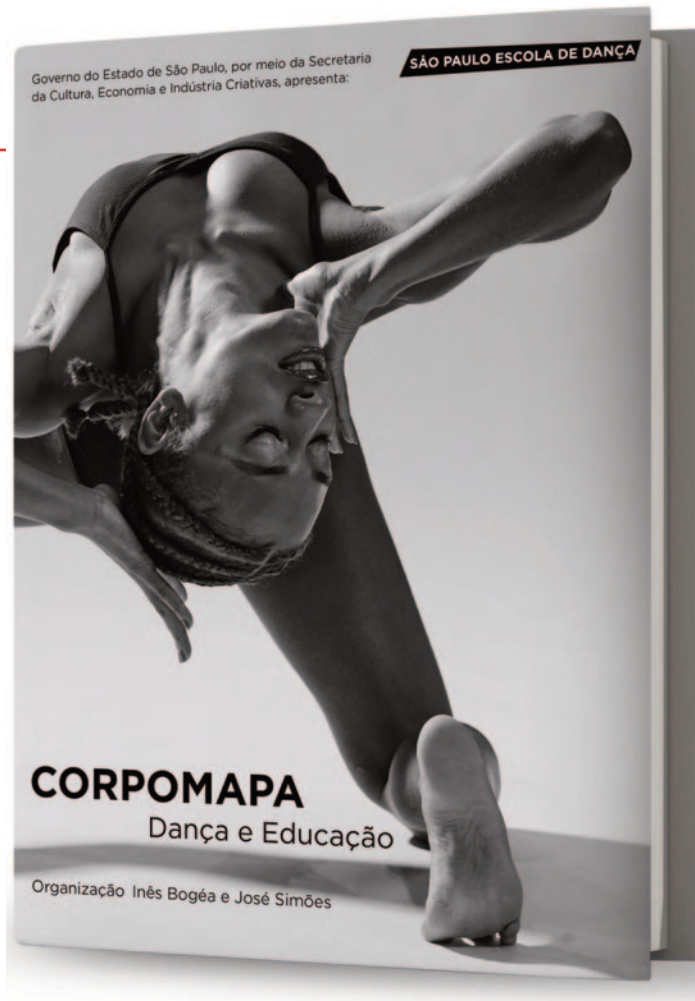
# São Paulo Escola de Dança lança livro gratuito “CorpoMapa: Dança e Educação”

*Publicação apresenta perspectivas do ensino em dança, estudos e reflexões pedagógicas, a partir de vivências práticas.*

*Está disponível para download gratuito no site da São Paulo Escola de Dança*

A São Paulo Escola de Dança, instituição da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo, com gestão da Associação Pró-Dança e direção artística e educacional de Inês Bogéa, lança o segundo livro da instituição, “*CorpoMapa: Dança e Educação*”, trazendo uma visão abrangente e multidimensional do universo da educação aplicada à dança.

Em mais de 100 páginas permeadas por artigos e fotografias dos estudantes, a obra vai além de um relato pedagógico e torna-se um livro-arte. As reflexões debatidas trazem visões teóricas de pesquisadores renomados aliadas às práticas pedagógicas desenvolvidas na São Paulo Escola de Dança. A organização é da diretora artística e educacional da SPED, Inês Bogéa, e do superintendente educacional, José Simões. A revisão é de Flávia Fontes.



Com apresentação da Secretária de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, Marília Marton, e introdução da Presidente do Conselho de Administração da Associação Pró-Dança, Rachel Coser, o livro contém discussões relevantes que vão desde as danças brasileiras até a abordagem metacognitiva da SPED, passando pelas diferentes aplicações da tecnologia no ensino e prática de dança.

A diretora artística e educacional da Escola, Inês Bogéa, ressalta que “*CorpoMapa*” é um documento para vivenciar em texto o ponto de vista pedagógico, bem como a criação e difusão cultural de projetos desenvolvidos. “*A São Paulo Escola de Dança é um organismo vivo, pulsante, com experiências enriquecedoras nos cursos regulares e livres, assim como nos projetos especiais. Trouxemos um pouco desse dia-a-dia diverso para as páginas, para que outros docentes e pessoas*

*interessadas no ensino da dança tenham acesso ao que realizamos”, detalhou.*

### **SAIBA MAIS SOBRE CORPOMAPA: DANÇA E EDUCAÇÃO**

Dividido em duas partes, “*CorpoMapa*” aborda temas amplos sobre dança e cultura, além das práticas educacionais da escola. Estudiosos como Regina Polo Müller, Denilson Francisco das Neves e Fabiana Raulino da Silva e integrantes do corpo pedagógico da SPED, como os coordenadores Junior Oliveira, Felipe do Amaral e a professora Andreia Yonashiro, entre outros, tratam de temáticas que conectam o corpo à cultura, educação e arte.

O livro também traz artigos sobre ações desenvolvidas no âmbito da São Paulo Escola de Dança, como residências artísticas, o projeto especial que destaca estudantes dos Cursos Regulares e a Jornada Paulista de Dança, realizada neste ano. “*CorpoMapa*” se une à biblioteca virtual da SPED, junto ao primeiro livro, *Diálogos e Práticas em Dança e Educação*, ambos disponíveis no site da instituição para download gratuito.

#### **Confira a lista de artigos e autores**

*Danças indígenas: ritual e performance,*  
por Regina Polo Müller

*Princípios organizacionais de movimentos  
para munganguear, fazer pantinhos e malassombar  
nas danças do Brasil,*  
por Denilson Francisco das Neves

*Tecnologias e suas interfaces com a produção  
de dança contemporânea,*  
por Fabiana Raulino da Silva

*Cursos regulares: possibilidades estéticas,*  
por Junior Oliveira

*A vivência artística para a formação profissional,*  
por Felipe do Amaral

*Entre a aula, o ensaio e o espetáculo: uma*

*perspectiva da formação do artista da dança no  
projeto especial da São Paulo Escola de Dança,*  
por Andreia Yonashiro

*Residências artísticas: morada e encontros,*  
por Amanda Queirós

*Jornada paulista de dança: relato de uma  
experiência imersiva,*  
por Jussara Miller

*Cartografias corporais: uma abordagem pedagógica  
no ensino da dança,*  
por Inês Bogéa e José Simões

#### **SERVIÇO**

**Lançamento do livro digital *CorpoMapa: Dança e Educação***

Disponível para download gratuito no site da São Paulo Escola de Dança –

[https://spescoladedanca.org.br/livros\\_sped](https://spescoladedanca.org.br/livros_sped)



“A LUTA”, com Amaury Lorenzo, nos dias 11 e 12  
no Teatro Clara Nunes, Gávea, RJ



Amaury Lorenzo

Foto: Nando Machado

*Há dois anos em turnê de sucesso pelo país, com direção de Rose Abdallah e texto de Ivan Jaf, o monólogo é baseado na terceira parte do livro Os Sertões, de Euclides da Cunha, sobre a Guerra de Canudos*

O personagem, que transforma o ator Amaury Lorenzo em um rapsodo, conta em uma longa prosa épica as batalhas ocorridas em Canudos, 1896, entre os homens e mulheres chefiados por Antônio Conselheiro e as forças militares da República, recém-proclamada no Brasil (1889). Lorenzo foi indicado aos prêmios Cesgranrio e Fita de Melhor Ator pelo trabalho, e atualmente também se destaca como o personagem Chico, da novela “Volta por cima”.

Os rapsodos cantavam a Ilíada e a Odisseia, de Homero, mantendo essas longas epopeias vivas pela fala e a memória, antes de poderem ser escritas. Da mesma maneira, é possível imaginar a Guerra de Canudos, segundo a visão de Euclides da Cunha, sendo narrada por um “contador de história” diante de uma plateia. Um só ator, usando a fala e o corpo, conta as sucessivas investidas do exército brasileiro contra o arraial e a reação de seus habitantes.

*“Este texto fala da construção da identidade brasileira. O que me impressiona na obra do Euclides da Cunha é a riqueza de detalhes. É como se você sentisse o cheiro daquela guerra, o cheiro daquelas pessoas. E nossa adaptação tem o objetivo de levar essa narrativa poderosa a mais gente. Muitos vão ao teatro porque me conhecem da televisão, mas acabam tendo uma aula de história, e se emocionam. Quando a gente entende de onde veio, tem mais possibilidades de construir um futuro melhor”, analisa Amaury Lorenzo.*

Nessa terceira e última parte de *Os Sertões*, Euclides criou uma simbologia poderosa, abandonando a linguagem acadêmica para traduzir jornalisticamente uma guerra de ideias: a luta entre as forças republicanas, que traziam a modernidade, contra o obscurantismo religioso, que alicerçava a monarquia; os brasileiros do litoral contra os do interior; as elites contra o povo; a fé contra a razão, para concluirmos que os dois lados acabaram se unindo pela intolerância e a violência.

*“O espetáculo ‘A Luta’ retrata um momento em que duas narrativas que sempre permearam nossa história entraram em conflito: o obscurantismo religioso e a prepotência militarista. É uma guerra arquetípica, mitológica, portanto será sempre atual para entender a formação do Brasil. É uma peça para nos questionar enquanto sociedade. O retumbante fracasso dos dois lados, a violência sem sentido de ambas as partes, é o resultado da nossa triste ignorância, que infelizmente perdura”, descreve a diretora Rose Abdallah.*

## SERVIÇO

### “A luta”

*Datas:* 11 e 12 de janeiro

*Teatro Clara Nunes*

Shopping da Gávea, Rua Marquês de São Vicente, 53, loja 370, Rio de Janeiro / RJ

*Dias/Horários:* sábado, às 21h, e domingo, às 20h30

*Classificação:* 14 anos | *Duração:* 1h

*Venda de ingressos:*

<https://bileto.sympla.com.br/event/101439/d/292990?> e

na bilheteria física – segunda a segunda, das 14h às 20h



Foto: Nando Machado



Foto: Márcio Farias

## “EU SOU UM HAMLET”, solo de Rodrigo França, estreia em São Paulo

*Dirigida por Fernando Philbert,  
a peça explora as relações humanas  
e as condições da existência,  
trazendo a visão e os questionamentos  
de um homem negro sobre a realidade.  
Na temporada carioca, a montagem  
recebeu três indicações aos prêmios  
Shell (Música) e Cenym  
(Monólogo e Texto Adaptado)*

Após uma temporada aclamada no Rio de Janeiro, o monólogo *"Eu sou um Hamlet"* faz sua estreia em São Paulo, trazendo Rodrigo França no papel do icônico personagem de Shakespeare. As apresentações começam no dia 9, às 20h, no Sesc Pinheiros. Sob a direção de Fernando Philbert, o espetáculo oferece uma releitura contemporânea da obra do bardo, com tradução assinada por Aderbal Freire-Filho, Wagner Moura e Barbara Harrington. A adaptação, fruto da colaboração criativa entre Jonathan Raymundo, Fernando Philbert e Rodrigo França, reforça a parceria dos dois últimos, já consagrada no impactante *"Contos Negreiros"*.

A montagem utiliza as falas de Hamlet para refletir sobre um mundo violento e segregado, lançando luz sobre as questões da sociedade atual e a condição de humanidade de um homem preto no Brasil. Ao incorporar um ator negro, a peça amplia os dilemas do clássico, trazendo a consciência da realidade ao personagem.

Este Hamlet questiona o mito da democracia racial e enfrenta o desafio de criar um discurso que provoque reflexão sobre o presente. Rodrigo França, ao assumir o papel, reflete sobre o impacto da tragédia colonial na identidade do homem negro, forçado a lidar com

uma humanidade fragmentada e constantemente questionada.

Como sobreviver à consciência de uma condição vulnerável, em um sistema que marginaliza e estigmatiza? Como não ceder ao desespero? A peça busca respostas nos ancestrais, iluminando um coração em luta contra uma cultura opressora.

*“O Hamlet  
de Shakespeare  
quer vingança;  
no Brasil,  
os diversos  
‘Hamlets’  
só querem justiça.  
Imagina se quisessem  
vingança?”*

Rodrigo França

*“Shakespeare foi popular em sua época ao encenar peças que se comunicavam com os mais diferentes tipos de pessoas, de nobres aos populares. Não será diferente em nossa montagem. Não gosto da arte para poucos, com muros. Quero que a tia do Complexo do Alemão saia do teatro contemplada, assim como a madame do Leblon”, diz Rodrigo França.*

*“Queríamos um Hamlet que abordasse o racismo e o dilema do homem comum em uma sociedade que ameaça direitos e liberdades. Nosso Hamlet reflete sobre a tensão do mundo e busca entender como che-*

*gamos aqui. A peça coloca o ser humano no centro do pensamento, mostrando como enfrentar um sistema que oprime negros, LGBTQs, pobres e quem luta por justiça. Em cena, Rodrigo enfrenta essa batalha solitária, mas encontra coragem nas vozes dos ancestrais para desafiar as regras do poder”, explica Philbert.*

Para Rodrigo, estar à frente desta montagem é significativo. Ele destaca que interpretar um texto como esse, que reflete o ser humano, traz um impacto único ao ser incorporado por um ator negro. A peça, embora respeite a obra de Shakespeare, explora novos territórios ainda não revelados, mostrando que amor, ódio, fúria e vingança são universais, mas suas expressões variam conforme a subjetividade de cada grupo. Essas emoções são naturais, mas a forma como são vivenciadas é construída socialmente. Nesse contexto, um homem negro buscando descobrir quem matou seu amado pai adquire outra dimensão.

*“Só é tratado como humano aqueles que têm dignidade em suas estruturas. Estamos longe de uma equidade para existir uma reparação de nossas mazelas causadas pela escravidão. Contextualizando ‘Hamlet’, os nossos fantasmas (ancestrais) ainda clamam. O Hamlet de Shakespeare quer vingança; no Brasil, os diversos ‘Hamlets’ só querem justiça. Imagina se quisessem vingança? Não posso dispersar, pois os meninos estão morrendo lá fora. E temos muito o que fazer”, afirma Rodrigo França.*

## **SERVIÇO**

### **“Eu Sou um Hamlet”**

*Temporada:* 9 de janeiro a 22 de fevereiro de 2025

*Sesc Pinheiros – Auditório*

*R. Pais Leme, 195, Pinheiros, São Paulo / SP*

*Tel.: (11) 3095-9400*

*Dias/Horários:* quinta a sábado, às 20h; feriado (25/01), às 18h

*Classificação Indicativa:* 12 anos

*Ingressos:* R\$ 50 (inteira) / R\$ 25 (meia entrada) /

R\$ 15 (credencial plena)

# “RIO DE CORPO E ALMA”, exposição inédita em comemoração aos 460 anos do Rio de Janeiro



André Arruda, *Bate-Bola*, Cinelândia, 2017

*Em cartaz de 19 de janeiro a 9 de março, no Museu Histórico da Cidade, exposição apresenta o trabalho de dez artistas contemporâneos que dialogam com o acervo do museu*

Repensar e refletir o Rio de Janeiro pelo olhar plural de diversos artistas. Essa é a principal proposta da exposição *"Rio de Corpo e Alma"*, que abre suas portas no casarão de exposições temporárias do Museu Histórico da Cidade, na Gávea, dia 19 de janeiro, um dia antes do aniversário de São Sebastião, padroeiro da cidade. Sob a curadoria de Isabel Portella, os artistas foram convidados a apresentar uma obra inspirada a partir de um seleto acervo da reserva técnica do museu, trazendo um diálogo entre o passado e o presente da cidade maravilhosa através de diferentes linguagens.

*"Tivemos essa oportunidade maravilhosa de realizar um projeto que resgata um Rio de Janeiro poético e celebrativo de uma forma alegre, sem ser nostálgico. Queremos trazer esse clima de festa e celebração com um olhar atualizado e contemporâneo sobre essa cidade tão amada – em seus 460 anos"*, comenta a produtora executiva do projeto, Fabiana Gabriel.

Ao todo, a exposição reúne o trabalho de dez artistas contemporâneos, diversos e multidisciplinares, que foram instigados a repensar o traçado e a beleza, natural ou construída do Rio de Janeiro para apresentar um novo/outro olhar contemporâneo para a cidade. *"Nem todos são cariocas. Alguns vêm de outros estados, mas adotaram o Rio como casa. Nosso objetivo foi*

*trazer uma visão diversificada e plural da cidade, seja pela origem, percepção, posicionamento ou linguagem artística"*, explica Bel Tinoco, coordenadora geral do evento.

O ponto de partida foi o acervo do próprio Museu Histórico da Cidade, que representa um importante registro do desenvolvimento urbanístico, político e social do Rio de Janeiro. Com cerca de 24.000 bens culturais, a coleção (sempre em expansão) conta com mobiliário, numismática, armaria, escultura, pintura, joalheria, gravura, fotografia, porcelana, cristais, mapas e projetos paisagísticos e arquitetônicos, entre outros itens, pertencentes aos Prefeitos da Cidade como Pereira Passos, Pedro Ernesto, Carlos Sampaio e César Maia.

*"Com Rio de Corpo e Alma, celebramos os 460 anos do Rio de Janeiro ao conectar passado, presente e futuro. A exposição reflete a essência do Museu da Cidade: um espaço vivo, em constante transformação, que abraça a pluralidade de olhares e narrativas para reinterpretar a história e o futuro da nossa cidade"*, diz Gisele Nery, diretora do museu.

Cada artista escolheu uma ou mais peças da reserva técnica para criar uma (s) obra (s) em diálogo com a original. O resultado são esculturas, fotografias, pinturas, instalações e performances, que trazem uma re-





Andréa Hygino,  
*Tipos de comer II*  
 Foto:  
 Rafael Salim

flexão coletiva sobre a história do Rio, sua configuração de metrópole contemporânea e as transformações pelas quais vem passando ao longo desses anos.

*“Eu tenho essa raiz museológica de buscar a conversa entre os objetos antigos e o contemporâneo. O maior diferencial da exposição é que o público terá a oportunidade de ver este seletivo acervo da reserva técnica que deu origem às novas obras. Além disso, é a primeira vez que o casarão abriga uma exposição contemporânea que dialoga com o acervo do museu”,* frisa a curadora Isabel Portella.

Entre os trabalhos, podemos destacar o da artista Andrea Hygino, carioca do Méier, que costuma traba-

lhar sobre a questão da carência alimentar. A artista criou pinturas em louças em contraponto a peças do museu que fazem referências a banquetes, propondo uma reflexão do sentar-se à mesa e da fartura como uma crítica social.

Moradora do Rio há muitos anos, envolvida com o carnaval carioca, a paraense Rafa Bqueer criou para a exposição uma obra instalativa com referências amazônicas, a partir de um figurino de uma turma de Bate-bolas do acervo do museu. O carnaval dos Clóvis ou Bate-bolas (grupos tradicionais de foliões do subúrbio carioca) também serviu de inspiração para o fotógrafo carioca Andre Arruda, que traz ampliações de fotos ainda inéditas no Rio de Janeiro de sua premiada série

sobre os Bate-bolas em contraponto a registros fotográficos do carnaval do Rio antigo.

Nascida na Guatemala, a artista plástica e professora de arte, Julie Brasil, criou sete grafites inspirados em fotografias do acervo de sete maravilhas do Rio, além de uma intervenção nas bocas dos canhões localizados em frente ao Casarão Principal do Parque da Cidade. O carioca Zé Carlos Garcia, de Santa Teresa, trabalha em cima de um dos ícones da cidade maravilhosa. Inspirado em fragmentos remanescentes da construção do Cristo Redentor e em fotos antigas do Corcovado antes de sua construção, ele apresenta uma escultura em madeira que ressignifica o monumento histórico frente à “falência humana”.

*“A exposição nos traz a possibilidade de construir e manter esse diálogo – através do tempo – da cidade com seus habitantes. O artista tem por hábito refletir a respeito das distintas realidades que se manifestam no espaço urbano, o que influencia diretamente sua poética. Desta forma, através de um grupo tão heterogêneo de criadores, acredito que a mostra representa uma linha de pesquisa estética contemporânea que explora a percepção, a interatividade e a diversidade”, observa Portella.*

A mostra conta ainda com performances, um ciclo de debates com a curadora, convidados e os artistas envolvidos, além de visitas guiadas para estudantes da Rede Pública de Ensino do Rio de Janeiro.

Julie Brasil, *Chapéu do Sol, Cristo*

Foto: Divulgação



Realizado pela Fava Comunicação & Arte com produção da BelOlhar, o projeto, contemplado pelo edital Pró-Carioca, programa de fomento à cultura carioca, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal de Cultura, foi criado com o objetivo de enaltecer as belezas, a cultura e o estilo de vida da capital fluminense em meio às homenagens dos 460 anos de sua fundação, comemorados em 1º de março de 2025.

### **SOBRE O MUSEU HISTÓRICO DA CIDADE**

O Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro (MHCRJ) foi criado em 1934, durante a gestão do prefeito Pedro Ernesto, refletindo a preocupação em preservar a história do Rio de Janeiro desde a fundação da República. Localizado no Parque da Cidade, oferece não apenas um rico acervo histórico, composto por doações e aquisições, mas também uma vista panorâmica e ampla área verde. Inaugurado provisoriamente no parque em 1941, passou por diferentes locais até ser reaberto em 1948, na gestão do prefeito Mendes de Moraes. Em 1994, um convênio entre a Prefeitura e o Governo do Estado reforçou sua administração. Além de exposições e atividades culturais, o MHCRJ promove visitas mediadas e trabalhos educativos para escolas e comunidades. Seu objetivo é ser referência em cultura, arte e educação, preservando e divulgando a história carioca.

### **SOBRE A CURADORA**

Isabel Sanson Portella é museóloga e crítica de arte, doutora e mestre em história e crítica da arte pela Escola de Belas-Artes/UFRJ, especialista em história da arte e arquitetura do Brasil pela PUC-Rio, pesquisadora de acervo e coordenadora da Galeria do Lago Arte Con-



Marcella Araújo, *Vaso 2 Engenho de Dentro*, 2024

Foto: Divulgação

temporânea do Museu da República, Rio de Janeiro. Crítica e curadora independente desde 2005, com textos e entrevistas em várias publicações (catálogos, periódicos e livros), fez curadoria e elaborou textos de dezenas de exposições.

### **ARTISTAS CONVIDADOS**

**Agrippina R. Manhattan (São Gonçalo, RJ)** – Artista, pesquisadora e travesti. Nasceu e cresceu em São Gonçalo, hoje vive e corre atrás de trabalho no Rio de Janeiro. Seu trabalho é parte de uma profunda preocupação sobre tudo aquilo que restringe a liberdade. A palavra, a norma, a hierarquia, o pensamento. Diz que sente que não é obrigada a nada e isso a realiza. Foi indicada ao Prêmio Pipa em 2019.

**Andre Arruda (Rio de Janeiro)** – Trabalhou como fot-jornalista nos principais jornais do Rio (JB e O Globo), entre 1992 e 2000. Há mais de 30 anos atua como artista visual. Em 2017, foi premiado pelo ensaio revelação “Clovis” no Prêmio Fotografia Brasil Porto Seguro, em São Paulo. Acumula alguns outros prêmios como o ANER, Itaú Cultural e Casa Firjan. Seu trabalho já foi exibido em mais de 10 exposições. É autor do livro “100 coisas que cem pessoas não vivem sem” e coautor de dezenas de outros. Em junho de 2023, ganhou o prêmio “O Rio do Futuro” do edital Firjan/Sesi 2023. No início de 2024 participou da exposição coletiva: “E o palhaço, quem é”, no Paço das Artes, em SP.

**Andréa Hygino (Rio de Janeiro)** – Atua como artista visual, arte-educadora e professora. Nos últimos anos integrou exposições coletivas em espaços nacionais e internacionais de referência, como o Museu de Arte Contemporânea – Niterói, Galeria Antônio Sibassoly (GO), Galeria Nara Roesler (Nova Iorque) e Galeria Belmacz (Londres). Foi vencedora do 3º Prêmio SeLecT de Arte e Educação (categoria Camisa Educação) e do Prêmio FOCO ARTRio 2022. Entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022 participou de residência artística na Bag Factory Artists’ Studio e realizou uma ocupação no Wits Art Museum, em Joanesburgo, África do Sul. Atualmente, participa da residência artística do JA.CA Center (MG).

**Julie Brasil (Guatemala)** – Vive e trabalha no Rio de Janeiro. É doutora em Imagem e Cultura, Mestre em Artes Visuais pela linha de Linguagens Visuais, Bacharel em Pintura, todos pela UFRJ. Já participou em exposições individuais e coletivas na Bienal da Caixa, Ins-



Marcia Falcão, *Madureira*

Foto: Divulgação

tituto Cervantes, Festival de Vídeos de Kassel, Espaço Vórtice, Curto-Circuito, Centro de Arte Hélio Oiticica, IBEU, SESC, Furnas, MUBE SP entre outros.

**Marcella Araújo (Rio de Janeiro)** – Graduada em Desenho Industrial pela PUC-Rio, se dedica às artes visuais desde 2016, quando entrou na EAV – Parque Lage e foi aluna de João Magalhães, no curso *Pintura II*; de Ana Miguel, Brígida Baltar e Clarissa Diniz, no curso *Conversas de Arte*. No 1º semestre de 2021, concluiu o curso *Imersões Poéticas*, da Escola Sem Sítio, com Pollyana Quintella, Cadu e Efrain Almeida.

**Marcia Falcão (Rio de Janeiro)** – A artista, que articula relações entre o corpo feminino e a matéria pictórica, se vale de motivos do subúrbio carioca, onde nasceu, vive e trabalha. A paleta pautada por marrons, verme-

lhos e outros tons de pele, busca uma representação carnuda do corpo. A agressividade de suas telas incide principalmente sobre as figuras femininas que as povoam. A excitação sensorial da pintura de Falcão deriva da urgência de seus assuntos tanto quanto da vivência da artista na periferia do Rio de Janeiro.

**Patrizia D'Angelo (São Paulo)** – Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Se dedica mais assiduamente à pintura, mas também à produção de objetos, à performance, à fotografia e ao vídeo. Frequentou a EAV em diversos cursos livres, esteve em intercâmbio com a ENSBA-Paris em 2014/2015, foi indicada ao prêmio PIPA de 2012, participou de várias exposições coletivas no Rio, SP, Brasília, João Pessoa e Paris, realizou oito exposições individuais.

**Pedro Varela (Niterói, RJ)** – Vive e trabalha em Petrópolis. Entre suas principais exposições destacam-se: *Tender Constructions* (com Carolina Ponte), *Cité Des Arts* Paris, 2017; *Pedro Varela*, Zipper Galeria, São Paulo, 2016; *O grande tufo de ervas* (Com Mauro Piva) Galeria do Lago, Museu da República, Rio de Janeiro, 2015; *Crônicas tropicais*, MDM Gallery, Paris, 2015; *Tropical*, Galeria Enrique Guerrero, Mexico DF, 2014; *Dusk todawn... Threads of infinity* (com Carolina Ponte), Anima Gallery, Doha, Catar, 2014; *Tropical*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2012. Indicado ao PIPA 2011 e 2019.

**Rafa Bqueer (Belém – PA)** – Suas práticas performáticas partem de investigações sobre arte política, gênero, sexualidade, afrofuturismo, decolonialidade e interseccionalidade. Dragqueen e ativista LGBTQI+, Bqueer tem um trabalho que dialoga também com vídeo e fo-



Pedro Varela

Foto: Divulgação

tografia, utilizando de sátiras do universo pop para construir críticas atentas às questões da contemporaneidade. Participou de exposições nacionais e internacionais, entre elas a coletiva *“Against, Again: Art Under Attack in Brazil”*, na Anya& Andrew Shiva Gallery, em Nova York (2020), e fez a individual *“UóHol”* no Museu de Arte do Rio (2020). Foi premiadx no 7º Prêmio Foco Art Rio (2019). Suas obras fazem parte das coleções do Museu de Arte do Rio (MAR) e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio).



**Zé Carlos Garcia (Rio de Janeiro)** – As esculturas de Zé Carlos Garcia se apresentam como entes insólitos, combinando membros de diferentes espécies e, por vezes, mesclando plumas e partes de mobiliário de madeira. Participou de exposições coletivas em instituições como Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro e Brasília (2022, 2021); Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro (2022); Goethe Institut, Salvador, Brasil (2019); Fondazione Prada, Milão, Itália (2018); Ujazdowski Castle Centre for Contemporary Art, Varsóvia, Polônia (2017); e eventos como Bienal do Barro, Caruaru, Brasil (2019); Busan Biennale, Coreia do Sul (2018) e Frestas Trienal de Artes, Sorocaba, Brasil (2017). Foi o vencedor da primeira edição do Prémio Arte Sustentável ARCOMadrid, em 2023.

### SERVIÇO

#### ***Rio De Corpo e Alma***

De 19 de janeiro a 9 de março de 2025

*Museu Histórico da Cidade (Casarão de exposições temporárias)*

Parque da Cidade, Estrada Sta. Marinha s/n, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

*Dias/Horários:* de terça a domingo, das 9h às 16h

Entrada Franca | *Classificação:* Livre

Zé Carlos Garcia,  
*Cuspindo marimbondo*, 2025

Foto: Divulgação

Agrippina R. Manhattan

Foto: Divulgação





Heitor dos Prazeres

Foto: Rafael Salim

# Um olhar afetivo para a arte brasileira: Luiz Buarque de Hollanda

*A terceira exposição da Flexa, RJ, reúne mais de 100 obras históricas da Coleção de Luiz Buarque de Hollanda, figura-chave no colecionismo brasileiro*



Rubens Gerchman

Foto: Rafael Salim

*Um olhar afetivo para a arte brasileira: Luiz Buarque de Hollanda*, com curadoria de Felipe Scovino e expografia de Daniela Thomas, examina a figura de Luiz Buarque de Hollanda (1939-1999), advogado e colecionador que criou, com o sócio Paulo Bittencourt (1944-1996), a Galeria Luiz Buarque de Hollanda & Paulo Bittencourt, cuja atuação se deu entre 1973 e 1978, no Rio de Janeiro.

Ao longo de mais de três décadas, Luiz Buarque de Hollanda foi nome central do colecionismo no Brasil,

além de pioneiro na colaboração com projetos de artistas que se tornariam seminais para a história da arte brasileira. Entre eles, destacam-se nomes como Carlos Vergara, Carlos Zilio, Cildo Meireles, Debret, Glauco Rodrigues, Iberê Camargo, Iole de Freitas, J. Carlos, Mira Schendel, Rubens Gerchman, Sergio Camargo, Thereza Simões e Waltercio Caldas. A programação reunia diferentes gerações, fazendo coabitar em seu espaço vanguarda e tradição.

Reunindo cerca de 150 obras de artistas presentes na coleção e nas exposições promovidas, a mostra se divide em quatro núcleos de interesse do colecionador-galerista: *Paisagem: do encantamento à hostilidade*; *Aproximações improváveis: o retrato entre o social e o libidinoso*; *Corpo partido*; e *Linguagens construtivas e desdobramentos disruptivos*.

De acordo com Scovino, "a exposição investe, curatorial e expograficamente, em como Luiz adquiria, organizava e mostrava a sua coleção. Ele se cercava daquilo que lhe dava prazer e conscientemente construía um modo muito singular de olhar para a arte brasileira. A galeria do qual foi sócio nos anos 1970 foi inovadora ao responder pela interdisciplinaridade de gerações, mas, acima de tudo, na constituição de um ambiente acolhedor e próximo aos artistas. Sua imagem e memória estão ligadas ao campo do afeto e da inteligência".

A amizade de Luiz com os artistas e sua paixão pela arte podem ser exemplificadas na generosidade em produzir edição de obras especiais, como um livro de Mira





Chico da Silva

Foto: Rafael Salim

Schudel – que hoje integra a coleção do MoMA em Nova York – e o disco *Sal sem carne*, de Cildo Meireles, ambos nos anos 1970. Luiz teve participação direta na edição dos exemplares do Livro-obra de Lygia Clark, em 1984, e na pesquisa, junto com Noêmia Buarque de Hollanda, para exposição e catálogo da retrospectiva da mesma artista, que começou em 1997 na Fundació Tàpies (Barcelona) e circulou por cinco países.

A mostra conta ainda com farta documentação: impressos, cartazes, convites, críticas e notícias sobre as exposições. O material relembra a galeria como um local de convívio e reflexão, que reuniu artistas, colaboradores e público interessado em debater o cenário das artes. Lá foram realizadas não apenas exposições e performances, como também sessões de apresentação de audiovisuais, debates, cursos, entre outros.

### **TEXTO DE DANIELA THOMAS, QUE ASSINA A EXPOGRAFIA DA MOSTRA**

O espaço que antes me pareceu imenso, da galeria de três andares, revelou-se exíguo quando me deparei pela primeira vez com a lista de obras da coleção de Luiz Buarque, selecionada por Felipe Scovino. Logo me dei conta, por outro lado, que esta é a questão central para o colecionador: nunca há espaço suficiente para expor os itens da sua coleção, e mesmo assim ele tenta, quando decide que tudo é superfície: as paredes da escada que leva aos andares superiores da sua casa, por exemplo.

Do chão ao teto, tudo está sempre em jogo. Não são poucas as descrições da densidade de ocupação na casa de Luiz. Arte por toda parte. Com essa imagem da ocupação densa do espaço, minha memória foi imediatamente dirigida para as paredes dos grandes salões

do Louvre e para pinturas que representam outros salões de imensos pés-direitos, coalhados de pinturas, dos sécs XVII e XVIII.

Resolvi colocar em jogo, como Luiz fazia com suas casas, toda a galeria, desafiando as regras da “boa montagem”, por assim dizer. Adicionalmente, inspirada nas associações do Felipe Scovino entre as várias obras da coleção, que distingue certas predileções, temas, obsessões de Luiz, pensei o espaço da galeria como que tomado por nuvens de obras, deixando alguns respiros que evidenciam os gestos mentais do galerista, como se os temas que articulam a exposição pudessem ser representados por ondas, as ondas das inspirações que guiaram o gosto do Luiz, durante os quase 40 anos de atividade adquirindo e promovendo arte e artistas no Rio de Janeiro.

#### **SOBRE LUIZ BUARQUE DE HOLLANDA**

Luiz Buarque de Hollanda (1939-1999) foi advogado de destaque, contemplado com bolsa de mestrado em direito fiscal, em Harvard, EUA, onde permaneceu com sua família até 1964. Retornou ao Brasil após o golpe militar.

Sua ligação com a cultura estende-se também para o cinema, quando por meio da criação da produtora *Mapa Filmes*, de Zelito Vianna (1938-) e Glauber Rocha (1939-1981), se torna produtor associado, juntamente com K. M. Eckstein e Cacá Diegues (1940-), para a realização de “*Quando o Carnaval Chegar*”, em 1972, filme dirigido por Diegues.

Essa proximidade com artistas, escritores, intelectuais e cineastas (particularmente do Cinema Novo) é singularizada no icônico réveillon de 1968 realizado na casa de Luiz e Heloísa, localizada

no Jardim Botânico. A festa foi marcada pelo clima de resistência à ditadura e de ruptura com os padrões moralistas de comportamento.

#### SOBRE O CURADOR

Felipe Scovino é professor associado do Departamento de História e Teoria da Arte e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi curador de *Diálogos com Palatnik* (MAM-SP, 2014), *Barrão: Fora daqui* (Casa França-Brasil, 2015), *Narrativas em processo: Livros de artista* na coleção Itaú Cultural (Museu de Arte do Rio, 2023; Fundação Iberê, 2024), *Franz Weissmann: o vazio como forma* (Itaú Cultural, 2019), *Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura* (CCBB RJ, 2017), entre outras. É organizador dos livros *Arquivo Contemporâneo* (7Letras, 2009), *Cildo Meireles* (Azougue Editorial, 2009), *Carlos Zilio* (MAC-Niterói, 2010), *Roberto Magalhães* (Nau das Letras, 2022) e *Pancetti: o moderno periférico* (Editora da UFRJ, 2022). Foi professor visitante no Departamento de Artes da Universidad de Chile em 2014 e da University of the Arts, London em 2021.

#### SOBRE A CENÓGRAFA

Daniela Thomas é diretora de teatro e cinema, está ligada a inovações, principalmente, nas áreas de cenografia e figurino. Estreou na direção de longa-metragem com *Terra estrangeira* (1995), quando inaugurou também uma parceria de direção com Walter Salles, que teve continuidade com o longa *O primeiro dia* (1999). Nascida em 1959, estudou cinema com Steven Bernstein, em Londres, e com ele fundou a produtora Crosswind Films, para a qual realizou curtas e vídeos. Codirigiu com Walter Salles os curtas-metragens

*Somos todos filhos da terra* (2000) e *A saga de Castanha e Caju contra o encouraçado Titanic* (2002), este, uma encomenda do Festival de Cannes para integrar a programação da Quinzena dos Realizadores.

Em 2006, dirigiu com Walter Salles o curta-metragem *Loin du 16<sup>ème</sup>*, dentro do longa-metragem *Paris, Eu te amo*, filme de abertura da mostra *Um Certo Olhar* no Festival de Cannes 2006. Seu longa-metragem *Inso-lação*, em parceria com Felipe Hirsch, foi selecionado para a mostra *Horizontes*, do Festival de Veneza de 2009. A estreia solo na direção acontece com *Vazante* (2017), selecionado para a mostra *Panorama* no Festival de Berlim e para a competição do Festival de Brasília.

#### SERVIÇO

**Um olhar afetivo para a arte brasileira:**

**Luiz Buarque de Hollanda**

Até 15 de março de 2025

*Flexa*

R. Dias Ferreira, 214, Leblon, Rio de Janeiro / RJ

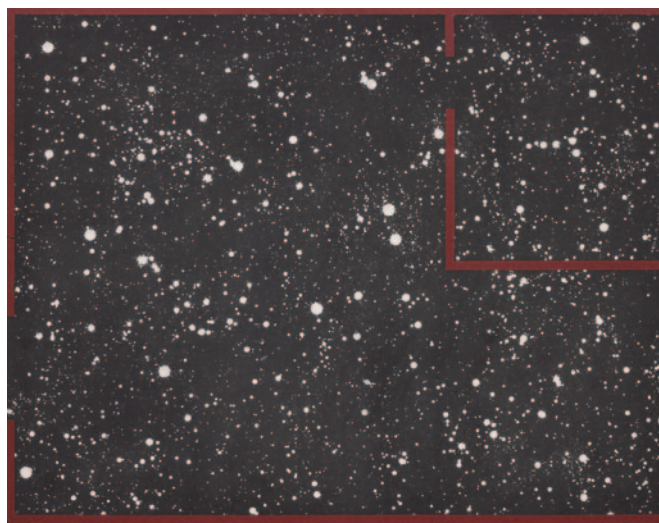
*Dias/Horários:* de segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 13h às 18h

[www.flexagaleria.com](http://www.flexagaleria.com)

Antonio Dias, *Sem título, da série Anywhere is my land*, s.d.

Foto: Rafael Salim



# PRANTEIO, DE NIURA BELLAVINHA



Vista da Sala das Origens do Museu da Inconfidência, com trabalhos produzidos com pigmentos de óxido de ferro sobre algodão

Foto: Divulgação

*Artista plástica mineira é a primeira mulher a realizar uma individual na sede do Museu da Inconfidência. Exposição reúne 100 obras inéditas e celebra os seus 35 anos de percurso artístico. Bellavinha chama a atenção para a história colonial do Brasil, de Minas e do próprio Museu, a partir de pinturas e esculturas feitas com pigmentos oriundos de rejeitos de mineração*

As seis janelas frontais do Museu da Inconfidência – construção monumental do final do século 18, na Praça Tiradentes, em Ouro Preto (MG) – estão cobertas por telas brancas com um dispositivo de bombeamento na parte superior, que faz derramar tinta vermelha. A mostra propõe um olhar contemporâneo para o passado, levando a uma reflexão sobre o Brasil atual e sobre o país que queremos para o futuro. As janelas que sangram falam tanto do Brasil Colônia quanto do país no século 21.

*“O que a gente vê é uma reflexão muito complexa da Niura Bellavinha em relação à nossa herança colonial. Se, por um lado, ela fala sobre nossas cicatrizes em termos de uma situação de mando e submissão, por outro, traz referências que transformam essa relação, apontando para um futuro que pode ser melhor, desde que atuemos para isso”,* observa Ana Avelar, curadora da exposição.

*“Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema chamado Museu da Inconfidência, em que ele usa a palavra pranteio. O texto termina com o verso ‘toda história é remorso’. De certa forma, a exposição traça esse caminho”,* adianta Niura.

Reunindo cerca de 100 obras inéditas, a individual dá continuidade ao Programa de Intervenções de Arte Contemporânea, do Museu da Inconfidência, também sob a curadoria de Ana Avelar. Organizada pela instituição, a iniciativa tem estimulado, nos últimos anos, diálogos entre o próprio acervo e proposições de artistas contemporâneos consagrados elaboradas especialmente para os espaços do museu.



Intervenção na vitrine do tronco de açoite

Foto: Divulgação

Após a temporada em Ouro Preto, *Pranteio* seguirá itinerante por várias capitais do Brasil celebrando os 35 anos de percurso artístico de Niura. Estão previstas exposições em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Belém. Em cada uma delas, haverá uma série de ações performáticas.



Vista da intervenção no pátio do Museu da Inconfidência, com pigmentos de óxido de ferro, azul da Prússia, espirulina e clorofila sobre algodão

Foto: Divulgação

*“A partir de uma técnica que enfatiza a pulverização na imagem, ela recoloca no centro de sua produção o ‘dentro’ e o ‘fora’, o íntimo e o político, a arte e a magia, misturando tempos históricos”, analisa Ana.*

A exposição reúne pinturas abstratas de escala generosa, feitas por meio de escorrimentos e aspersão de pigmentos, técnicas exploradas desde a arte moderna, que ganham com a artista um caráter atual. Niura produz suas próprias tintas com pigmentos oriundos de rejeitos de mineração, particularmente o óxido de ferro (característico da região de Ouro Preto), entre outros segredos de ateliê.

*“O pó de meteorito é mais um elemento recorrente na pintura da Niura. Com um viés simbólico, o material remete ao paradoxo ‘vida e morte’, e ao próprio início da vida no planeta Terra. O mesmo acontece com o azul da Prússia, que também tem uma carga ambígua:*

*tanto serve como remédio quanto está associado ao processo de colonização e de exportação desses materiais pelo mundo colonizado. Ao trazer esses pigmentos para a exposição, a artista chama atenção para a história colonial do próprio museu”, destaca Ana.*

Bellavinha reconhece que memórias da infância afetam a sua produção no presente: *“Desde criança, eu convivi muito com todo esse universo do barroco mineiro. Meu pai adorava, me levava às igrejas de Sabará, onde ele nasceu, Congonhas, Ouro Preto... Minha família tinha um lado intelectual interessante, uma aproximação com os poetas. E ainda havia essa coisa muito forte com a arte, com a escultura e a pintura”, relembra.*

As memórias terminam por iluminar os diálogos densos com artistas do acervo da instituição. As telas apresentadas em *Pranteio* ganham novas camadas simbólicas ao serem exibidas nos espaços do Museu da Incon-

fidência: algumas silhuetas remetem às paisagens das montanhas e brumas que cercam Ouro Preto, e que tanto encantaram Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), um artista profundamente admirado por Niura. Mas também sugerem um diálogo com a espiritualidade presente em algumas técnicas desenvolvidas por Wassily Kandinsky (1866-1944) e por Josef Albers (1888-1976), dois grandes mestres da arte do início do século XX.

O escorrido de algumas pinturas feitas com pigmentos terrosos contrasta com outras obras feitas com poeira de meteoritos, simbolizando contrastes entre céu e terra, clarão e escuridão, criação e destruição: sentimentos encarnados nas obras barrocas do acervo do museu.

*“Quando ela usa o pigmento de ferro, esse material tem um sentido simbólico enorme. Está na própria história de Ouro Preto, está na história das Minas coloniais e na história da família da artista também”, reflete a curadora. “O pai da Niura morreu precocemente por complicações de saúde derivadas do manuseio do óxido de ferro na produção de aço. Então, esse óxido, que ela usa simbolicamente, é tanto um elemento que pode contribuir para a vida humana e não-humana na Terra, como pode ser um veneno. E ela vai fazer isso com vários elementos”.*

#### UM CAMINHO PARA PERCORRER: PRANTEIO SALA A SALA

Para aproveitar ainda mais a reflexão proposta por Bellavinha em *Pranteio*, vale a pena seguir o percurso

proposto pela curadoria. É um deslocamento que trata de tempo-espaço, de vida e morte e das múltiplas vivências que tiveram abrigo no próprio museu, sempre com a perspectiva de pensar um futuro diferente.

A entrada é pela **Sala das Origens**, que reúne pinturas da artista, em contraponto aos retratos do Rei e da Rainha de Portugal.

A segunda parada é na **Sala da Construção Civil**, que exhibe pinturas misturando pó de pedra-sabão com tons avermelhados e terrosos.

Em seguida, o visitante passa pela **Sala do Transporte**, onde há pinturas com tinta feita a partir de terra da Serra do Caraça.



Sala dos Transportes

Foto: Divulgação

O quarto ponto da visita é a **Sala do Trabalho e da Mineração**. Nela estão 12 pinturas com terra de rejeito. Em duas, Niura usa pigmentos vermelhos que aludem a sangue.



Sala do Trabalho e da Mineração

Foto: Divulgação

Na **Sala da Inconfidência**, a artista instala um trabalho translúcido, em diálogo com as pinturas em exposição no ambiente.

O percurso chega ao **Panteão**. *“Nesta sala, estão os restos mortais da poeta Bárbara Heliodora (1759-1819), considerada a heroína da Inconfidência Mineira, só recentemente depositados no Panteão. Do mesmo modo que fizeram uma lápide para Hipólita Jacinta Teixeira de Melo (1748-1828), outra personagem incontornável da Inconfidência Mineira, no ano passado. Sobre os túmulos de ambas, instalei telas vermelhas. E a cruz da Igreja Católica foi coberta por uma tela*

*branca, porque esta instituição não teve absolutamente nada a ver com a Inconfidência”, afirma Niura.*

As salas seguintes, da **Vida Social** e do **Império**, recebem pinturas-murais que remetem à flora brasileira e criam uma espécie de Império do Verde. Segundo a artista, é o “Império da Mata”.

A visita continua pelo Pátio a céu aberto. A artista criou pinturas, com oito metros de altura, feitas com terra e óxido de ferro preto. *“Elas permanecerão entregues ao tempo e à degradação”, diz.*

No segundo andar, há duas salas dedicadas a dois expoentes do barroco mineiro: Ataíde e Aleijadinho. Niura optou por trabalhar esses espaços em conjunto. *“Quero mostrar algumas esculturas feitas de pedrasabão, material com que Aleijadinho trabalhava. Criei uma circulação interna dentro da pedra e infiltrei as tintas que Mestre Ataíde usava”,* descreve a artista.

A sala consagrada a Antônio Francisco Lisboa (1738-1814), o dito Aleijadinho, permite ainda que Niura enderece o debate sobre o protagonismo desse artista – ou de seu grupo de artistas – na história da arte brasileira e como essa história é narrada dentro do processo de colonização do Brasil.

No catálogo da exposição, Ana Avelar escreve: *“Não coincidentemente a produção artística de Bellavinha recolhe do Barroco de Minas as antíteses pelas quais é conhecido, sendo a oposição entre vida e morte a maior delas. Em termos contemporâneos, a pintura e*



*a escultura da artista nos trazem reflexões sobre nossa breve existência neste planeta e o legado dela para as vidas e mortes futuras. Bellavinha infiltra e sopra cores em telas e na pedra-sabão invocando atos da origem da vida e da arte; ao fazer isso, nos desperta para nossas relações extrativistas com não-humanos, fazendo com que pensemos sobre como deve haver justiça também para as nossas espécies companheiras.”*

A exposição *Pranteio* conta com o patrocínio dos Supermercados BH, por meio da Lei de Incentivo da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais.

#### **SOBRE A ARTISTA**

Nascida em Belo Horizonte, Niura Bellavinha, 62 anos, é bacharel em Artes pela Escola Guignard, com especialização em pintura, escultura e litografia. Também estudou com Amílcar de Castro, desde os 14 anos, no curso livre antes de ingressar na Escola Guignard, aos 16. Aos 19 anos, é convidada por Amílcar para participar de um núcleo avançado de artes e, em simultâneo, participa da Casa Litográfica, a convite de Lótus Lobo.

Vive e trabalha entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Já residiu em outras cidades no Brasil e no exterior. Em seu vasto currículo, destacam-se inúmeros prêmios e mostras internacionais, como 1ª e 4ª Biwako Biennale (2010 / 2014), Omihachimman, Japão; 1ª, 9ª, 5ª e 10ª Bienal do Mercosul, (1997 / 2005 / 2015) Porto Alegre BR; Bienal Internacional de São Paulo (1985 e 1994); e Bienal de Cuenca (1995), no Equador.

Participou de diversos salões nacionais de artes, recebendo o Grande Prêmio no Salão Nacional de Artes

1990 (IBAC/ FUNARTE/ MAP). Realizou mostras individuais a convite de Instituições brasileiras como Oi Futuro Flamengo e Belo Horizonte; CCBB-Rio de Janeiro; Centro Cultural São Paulo; Museu de Arte da Pampulha (BH); Museu de Arte Moderna (RJ); Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ); Paço Imperial (RJ) e Palácio das Artes (SP).

A partir do início da década de 1990 até 2024, realizou diversas mostras institucionais e em galerias comerciais no Brasil e exterior. Em 2016, com o curador e crítico de arte, Paulo Herkenhoff, lançou o livro *“Niura Bellavinha”*, pela Editora Cobogó, que conta a sua trajetória.

#### **SOBRE O MUSEU**

O Museu da Inconfidência é um museu histórico e artístico que ocupa a antiga Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, e mais quatro prédios anexos em Ouro Preto. Seu acervo preserva a memória da Inconfidência Mineira e da sociedade e cultura mineiras, no período do ciclo do ouro e dos diamantes no século XVIII, com destaque para as obras de Manuel da Costa Ataíde e Aleijadinho.

#### **SERVIÇO**

##### ***Pranteio, de Niura Bellavinha***

Até 23 de fevereiro de 2025

*Museu da Inconfidência*

Praça Tiradentes, 139, Centro Histórico, Ouro Preto / MG

Site: <https://museudainconfidencia.museus.gov.br/>

*Dias/Horários:* de terça a domingo, das 10h às 18h (acesso até às 17h)

Entrada franca

Classificação livre



*Labirinto, Semana 25*

# LABIRINTO, DE ANDRÉ SEVERO, NA CAIXA CULTURAL BRASÍLIA

*Provocada pelo isolamento do período pandêmico, a gigantesca instalação – com seis telas de projeção e 400 fotografias – imerge na relação entre tempo, memória e espaço através da reelaboração de imagens coletadas nas últimas duas décadas*

Com curadoria de Marília Panitz, *Labirinto* é uma grande instalação baseada na desconstrução de uma série de imagens coletadas por André Severo há cerca de duas dé-

cadadas e reelaboradas entre os anos pandêmicos de 2020 e 2021. A instalação fica em cartaz até fevereiro de 2025, com visitação aberta de terça a domingo. A entrada é franca.

Na obra, sons, textos, ideias e ambientes são incorporados a uma coleção de imagens cuidadosamente selecionadas. São seis telas com projeções, cerca de 400 fotografias e diversos textos que marcam a passagem cronológica de um ano de pandemia. As fotografias foram reelaboradas com intervenções em camadas sobrepostas, criando a sensação de adentramento em um espaço-labirinto. A instalação aposta no imperativo da relação entre memória e consciência como possibilidade de uma criação particular de tempo e espaço.

*Labirinto, Semana 38*

*“Labirinto é um projeto de caráter muito pessoal, que ressignifica o sentido de arte como mera válvula de escape e revela múltiplos sentidos para a produção artística em momentos críticos”,* comenta André Severo. Considerado um dos principais nomes das artes visuais no Brasil, nas últimas décadas André tem se dedicado a investigar e difundir os efeitos da mobilidade de pensamento, suportes e procedimentos sobre as relações entre arte e vida cotidiana, arte e outras áreas do conhecimento, arte e sistema de artes.





## *Labirinto, Semana 46*

Para a curadora Marília Panitz, *Labirinto* se configura como um espaço imersivo nas incertezas vivenciadas nos anos de pandemia, tempo no qual encaramos coletivamente a nossa finitude e vulnerabilidades: *“Esse projeto mergulha nas imagens ‘daquilo que já não é’, nas ruínas das edificações de outros tempos que se tornam vestígios poéticos de uma beleza impactante e solitária. As imagens pulsam, soam e nos abduzem para dentro de suas linhas de fuga”*, conceitua.

### **LABIRINTO E A TRILOGIA EL MENSAJERO**

Além da pandemia, *Labirinto* surgiu no contexto de uma trilogia de exposições agrupadas pelo subtítulo *El*

*Mensajero* e também constituída por *Metáfora* e *Espeelho*. A série foi produzida por André Severo entre 2015 e 2021. Trata-se de três grandes instalações com múltiplos vídeos, fotografias, desenhos, pinturas e textos, pensados para tentar reunir, em um único projeto, muitas das instâncias que interessam ao artista no terreno da experiência criativa.

A instalação *Labirinto*, assim como toda a trilogia *El Mensajero*, guarda o tempo e a memória como elementos latentes de sua estruturação. Esses dois elementos permeiam a investigação de André Severo sobre as possibilidades associativas e dissociativas de

objetos artísticos dentro do ambiente expositivo, apostando nos espaços concentrados da sala de exposição como um lugar singular de projeção para o processo poético e criativo.

### MAIS SOBRE O ARTISTA

André Severo nasceu em Porto Alegre (RS), em 1974. É artista, curador, escritor, editor, cineasta, produtor e gestor cultural. Mestre em poéticas visuais pela UFRGS, produziu projetos como *Areal*, *Lomba Alta* e *Dois Vazios*. Realizou mais de uma dezena de filmes e instalações audiovisuais e foi reconhecido com diversas premiações. Publicou, entre outros, os livros *Consciência errante*, *Soma e Deriva de sentidos*. Foi curador associado da *30ª Bienal de São Paulo – A iminência das poéticas* e cocurador da representação brasileira na *55ª Bienal de Veneza*. Entre 2018 e 2019, ao lado de Marília Panitz, realizou *100 anos de Athos Bulcão* no CCBB (BsB, BH, SP e RJ). Em 2021, juntamente com Paulo Herkenhoff, realizou *Arquiperiscópio*, exposição individual com caráter retrospectivo que ocupou os quatro andares do Oi Futuro no Rio de Janeiro.

### SOBRE A CURADORA

Marília Panitz atua como crítica de arte e curadora independente de mostras nacionais e internacionais. Mestre em Arte Contemporânea: teoria e história da arte, foi professora na Universidade de Brasília de 1999 a 2012. Também dirigiu o Mu-

seu Vivo da Memória Candanga e o Museu de Arte de Brasília. De 1994 a 2013, atuou como pesquisadora e coordenadora de programas educativos em exposições. Realiza projetos com ênfase na produção artística do Distrito Federal, na formação de uma visualidade determinada pela cidade nova e no mapeamento da cena cultural de espaços não hegemônicos. Em 2018, recebeu o Prêmio Sérgio Milliet da ABCA pelo livro *Artes Visuais – Ensaios Brasileiros Contemporâneos*.

### SERVIÇO

#### **Labirinto, André Severo**

Até 9 de fevereiro de 2025

Caixa Cultural Brasília

SBS, Q. 4, Lotes 3/4, Asa Sul, Brasília / DF

Informações: (61) 3206-9448

Dias/Horários: terça a domingo, das 9h às 21h

Classificação indicativa: 14 anos

Entrada Franca

*Labirinto, Semana 1*



# “A natureza que me habita”



Foto: Divulgação

*A partir de 18 de janeiro, após temporada em Lisboa, Ana Durães apresenta produção atual na Galeria Contempo, no Jardim América, em São Paulo*

Passada quase uma década desde sua última individual na capital paulistana, a artista visual Ana Durães retorna com trabalhos recentes, todos inéditos, com a exposição *“A natureza que me habita”*. A partir do dia 18 de janeiro, ela ocupará a Galeria Contempo, em São Paulo, com cerca de 20 obras em técnica mista, tinta acrílica e óleo sobre tela e linho, com médios e grandes formatos. O texto crítico leva assinatura da cientista social, historiadora e curadora de arte Vanda Klabin.

Morando entre Rio e Lisboa, Ana Durães costuma trabalhar imersa na natureza, inspirada nas paletas de cores ao seu redor, no ateliê que mantém na serra de Petrópolis: *“A natureza que me habita vem bem antes da pandemia. Penso que a natureza sempre me habitou. E o costume de estar dentro dela se fortificou na necessidade da reclusão. Na necessidade da solidão”*, afirma.

A artista revela que não segue tendências artísticas. *“Sou uma artista pós-moderna no mundo contemporâneo, onde sigo meus impulsos sensoriais. Pinto o que vejo e sinto. Mas, da forma como vejo, não necessariamente uma natureza real. Uma simples folha pode ser floresta. Uma poça de chuva pode virar rio. Nada do que vejo me é alheio, misturo as flores, as cores, o meu jardim, com imagens imaginárias. Quase abstratas. Acaba por tornar-se um jardim das delicadezas. As flores que apresento agora, inéditas, foram trabalhadas nos últimos três anos, mas na verdade moram em mim há 62 anos. Elas são alegorias da minha natureza, onde transmuta dor em amor até tornar-se alegria”*, conclui.



Foto: Divulgação

### **ANA DURÃES: A NATUREZA QUE ME HABITA (POR VANDA KLABIN)**

A natureza com suas paisagens reais, alegóricas ou míticas tem um papel decisivo para a história da pintura. É uma matéria sempre suscetível à interpretação e à reflexão, que estimula o processo criativo e converge para as inúmeras possibilidades plásticas do mundo. A interlocução com a natureza, que orchestra imensas áreas de cor, está presente na pintura de Ana Durães. A artista encontra sua gramática poética no ritmo da vida real, e suas telas consolidam um tratamento cromá-

tico que irradia um diálogo visual pela ação de seu imaginário, um éden mágico que anseia por consonâncias.

A paisagem, a presença de árvores e as naturezas-mortas fazem parte do campo narrativo que se instala em suas pinturas. Seus reflexos, suas luminosidades, suas colorações, suas inquietudes rítmicas, suas ambiguidades veladas, tudo se transforma em acontecimento plástico. Observamos a liberdade das pinceladas, a supressão de um ponto central, os efeitos de luz que dissolvem a superfície da tela. Espécies de narrativas breves, como poemas instantâneos, que reforçam a sensação de uma eterna redescoberta e de uma atmosfera cromática misteriosa – um verdadeiro paraíso de possibilidades estéticas. Os vasos de flores e a vegetação tecem um diálogo visual, alternando-se em suas múltiplas direções, ora se insinuando, ora ocupando todo espaço, gerando uma disponibilidade plástica como se fosse uma fricção cromática da natureza.

Sensível à poesia contida na vida silenciosa dos acessórios agenciados na sua cotidianidade, Ana Durães procura, nas formas encontradas nas suas naturezas-mortas e paisagens, o tratamento do espaço plástico no que diz respeito aos volumes e à incidência da luz sobre as formas e os resultados das variações e da modulação pela cor. Uma fermentação germina entre as suas cores constitutivas e manifesta a vitalidade da artista e a sua exuberância encantatória do mundo.

### **SOBRE ANA DURÃES**

Artista visual, nasceu em Diamantina (MG), em 1962, e mora no Rio de Janeiro. Iniciou seus estudos na Escola

Guignard de Belo Horizonte, em 1981. Concluiu o curso de formação na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1987. Participou de centenas de exposições coletivas e individuais no Brasil e exterior. Entre as recentes individuais constam: *Mundo das Coisas*, em 2012, quando comemorou 30 anos de carreira no Espaço Furnas Cultural no Rio de Janeiro; *Novos Pretos Novos* (2013), na Galeria Sergio Gonçalves, no Rio de Janeiro; em 2018, na ArtfactGallery em Nova York. Em 2020 apresentou a exposição *Altered Nature*, em diálogo com o fotógrafo Daniel Mattar, na Brisa Galeria, em Lisboa. Suas obras são encontradas em diversos acervos no Brasil e no exterior.

### **SERVIÇO**

***“Ana Durães: a natureza que me habita”***

*Abertura:* dia 18 de janeiro de 2025, sábado, das 10h às 16h

*Visitação:* até 3 de fevereiro de 2025

*Galeria Contempo*

Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1644, Jardim América, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3032-5795 | [contato@galeriacontempo.com.br](mailto:contato@galeriacontempo.com.br)

[www.galeriacontempo.com.br](http://www.galeriacontempo.com.br)

*Dias/Horários:* de segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábados, das 10h às 16h



Foto: Divulgação





Leda Maria Martins recebe o Prêmio Milú Villela – Itaú Cultural 35 Anos, na categoria Aprender, em cerimônia no Auditório Ibirapuera, em 2022

Foto: Francio de Holanda

## Todas as camadas de Leda Maria Martins na Ocupação Itaú Cultural

*Em um total de 140 peças, a mostra começa com uma viagem pelo acervo pessoal da homenageada, por onde se desvenda a sua vida desde a infância.*

*Na sequência, entra no universo de Leda entre suas experiências, conceitos e vivências. Por fim, chega a uma representação do território sagrado que permeia toda a vida dela: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá.*

*Intelectual brasileira, poeta, professora, doutora e Rainha de Nossa Senhora das Mercês; teatróloga, dramaturga, curadora, crítica de arte, pesquisadora e escritora.*

*Ela é Leda Maria Martins, homenageada na 66ª Ocupação Itaú Cultural, projeto iniciado pela instituição em 2009*



Leda em 1978, período em que cursava o mestrado em artes pela Universidade de Indiana, nos Estados Unidos  
Foto: Acervo pessoal

Leda Maria Martins, homenageada na 66ª Ocupação Itaú Cultural, projeto iniciado pela instituição em 2009, é destacada intelectual brasileira, poeta, professora, doutora e Rainha de Nossa Senhora das Mercês; teatróloga, dramaturga, curadora, crítica de arte, pesquisadora e escritora. Nasceu no Rio de Janeiro e, ao perder o pai ainda menina, foi viver em Belo Horizonte com a irmã Ana Maria Martins e sua mãe Dona Alzira Germana Martins, quitandeira, cozinheira, cantineira, benzedeira e conhecedora dos poderes de cura

das plantas, ervas e chás. Logo ela aprendeu a ler e escrever, estudar matemática e fazer teatro.

Dali em diante a sua trajetória ascendeu rapidamente até conseguir uma bolsa de estudos que a levou a realizar o mestrado em Artes na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, e nunca mais parou. A sua obra acadêmica e seu pensamento se tornaram indispensáveis na investigação do teatro contemporâneo e na percepção da cultura no Brasil. São dela, por exemplo, obras fundamentais sobre Qorpo Santo (José Joaquim de Campos Leão, 1829-1883) e Abdias do Nascimento (1914-2011).

Em reconhecimento à sua atuação no campo do teatro, em 2017 foi instituído o Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras de Belo Horizonte, cujas categorias refletem conceitos de seu pensamento. Em 2022, ela foi uma das contempladas no Prêmio Milú Villela – Itaú Cultural 35 Anos. Em 2023, recebeu o Prêmio de Mestre em Artes Integradas da FUNARTE. No mesmo ano, a sua obra foi fundamento do projeto curatorial da 35ª Bienal de São Paulo.

### **A MOSTRA**

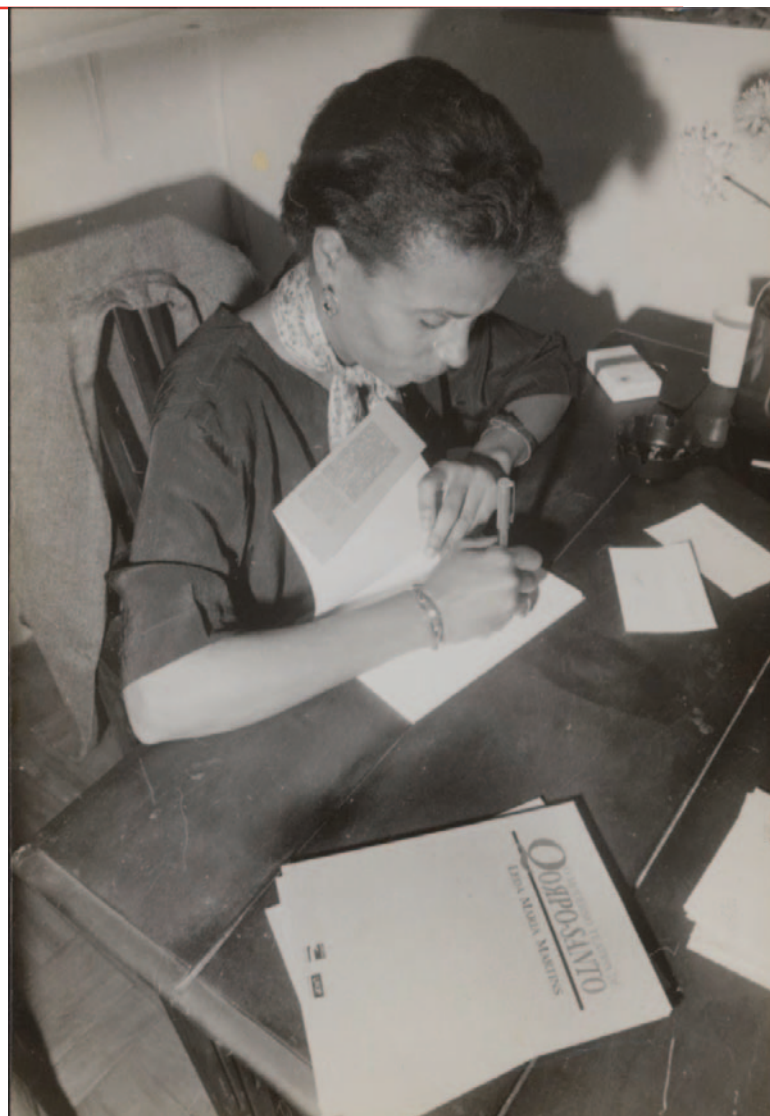
A Ocupação revela essa trajetória ao percorrer as diferentes formações da homenageada, que passam pela academia tradicional e pelas experiências na poesia, no teatro e no Reinado. Também revela o seu processo criativo, afetos familiares e registros visuais e materiais que remetem à sua existência como Rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, em Minas Gerais.

“Eu sou tudo o que me constitui: poeta, pós-doutora, reinadeira, que foi princesa e hoje é rainha. Sou mãe, sou filha. Não mantenho comigo nem com o mundo uma relação de dualidade”, diz Leda em um dos vídeos produzidos pela equipe do Itaú Cultural e exposto na Ocupação. “Onde estou, mais nada está. Tudo o que me formata e constitui, está”, conclui.

O primeiro espaço da exposição está repleto de fotografias, rascunhos de poemas manuscritos e datiloscritos, primeiras publicações e processos de pesquisa de seu acervo. Encontram-se ali, também, vídeos com depoimentos da Rainha Perpétua do Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá Iracema Moreira, da escritora Ana Maria Gonçalves e das atrizes Natasha Corbelino, Renata Sorrah e Tatiana Tibúrcio, além de um vídeo com falas da própria homenageada.

Em seguida, a mostra revela três obras, encomendadas aos artistas Dione Carlos, Ricardo Aleixo e Rui Moreira a partir do conceito do *tempo espiralar* – um dos pensamentos conceituais de Leda, ao lado de *encruzilhada*, *oralitura*, *corpo-tela*. Há, também, uma réplica tátil de sua vestimenta durante os festejos do Reinado – a original está exposta na mostra *Artistas do vestir: uma costura dos afetos*, em cartaz no mesmo Itaú Cultural.

Por fim, o visitante chega a uma reprodução de um altar de fé e afetos e a projeção de uma obra audiovisual captada durante a festa do Reinado de agosto de 2024. Fecha esse espaço *Café com Leda* – uma obra sonora e imersiva, na qual ela recita o poema *Claves*, publicado em seu livro *Os dias anônimos*, de 1999. A homenageada também conta, aqui, histórias como a



Leda autografa exemplares do livro *O moderno teatro de Qorpo-Santo*, em 9 de julho de 1991, em Ouro Preto (MG)

Foto: Acervo pessoal

de sua primeira experiência nos palcos, quando era criança, rememora o seu amor pelo teatro e questões do racismo estrutural. O visitante pode ouvir sentado, vivenciando as suas narrações.

#### PUBLICAÇÃO E SITE

Como uma extensão da mostra, o site do Itaú Cultural oferece materiais e entrevistas inéditos em [itaucul-](http://itaucul-)

[tural.org.br/ocupacao](http://tural.org.br/ocupacao). A equipe da instituição também construiu uma publicação focada no Reinado, como manifestação cultural que marca a vida e a pesquisa da Leda. O livro traz depoimentos pessoais da equipe da Ocupação sobre Leda e sua participação no reinado, além de uma seção de história oral sobre essa manifestação. Também traz um ensaio de fotos e espaços livres para intervenção do leitor, que pode recolher ali suas histórias e saberes.

## “A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas”

Leda Maria Martins

### SERVIÇO

#### **Ocupação Leda Maria Martins**

Até 30 de março de 2025

*Itaú Cultural*

Avenida Paulista, 149, próximo à estação de metrô  
Brigadeiro, São Paulo / SP

*Dias/Horários:* terça-feira a sábado, das 11h às 20h;  
domingos e feriados das 11h às 19h

Entrada gratuita | Acesso para pessoas com deficiência física

*Estacionamento:* entrada pela Rua Leôncio de Carvalho, 108,  
com manobrista e seguro; gratuito para bicicletas.

[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)



Leda Maria Martins, 2022

Foto: Murilo Alvesso



Leda Maria  
Martins,  
Rainha  
de Nossa  
Senhora das  
Mercês no  
Reinado de  
Nossa Senhora  
do Rosário  
do Jatobá  
(MG)

Foto: Murilo Alvesso

# O Fazer e o Saber dos Artistas Populares no Mercado Brasil de Artesanato Tradicional, RJ





O Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e a Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro apresentam edição extra da *Sala do Artista Popular (SAP)*, onde estarão à venda variadas obras de artistas que já passaram por exposições anteriores. A iniciativa é uma homenagem aos 40 anos do Programa SAP, dedicado à valorização e ao fomento da arte popular e do artesanato de tradição cultural no Brasil.

A mostra – que reúne peças de várias exposições da *Sala do Artista Popular* – apresenta trabalhos de mulheres e homens, indígenas, quilombolas, sertanejos, ribeirinhos, afrodescendentes, descendentes de imigrantes e moradores de periferias urbanas de todo o território nacional. Suas criações em fios, fibras, papel, barro, ferro, madeira e sucata, traduzem as singularidades de saberes plurais. O artesanato que passa de geração a geração, entre famílias e povoados, une o fazer artístico à matéria-prima local, gerando um mosaico da cultura popular brasileira.

Com entrada gratuita, a SAP Mercado Brasil de Artesanato Tradicional expõe peças que estão à venda, com o objetivo de fomentar o comércio sem inter-

mediários entre artesão e consumidor e gerar renda a quem produz.

Os 40 anos da SAP estão também homenageados na exposição “*Nóis morre, as coisa fica*”, em cartaz na Galeria Mestre Vitalino, com peças provenientes da *Sala do Artista Popular* que foram incorporadas ao acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro.

## PROGRAMA SAP

A *Sala do Artista Popular (SAP)*, criada em 1983, é um programa permanente de pesquisa, documentação, divulgação e fomento. Realizou mais de 200 exposições, a partir de pesquisas de campo e documentação fotográfica, com produção de catálogos etnográficos e vídeos documentários, registrando e divulgando os processos materiais e simbólicos envolvidos na produção artesanal. O programa, que mantém este ponto de comercialização onde os artistas estabelecem livremente os preços de suas peças, cria oportunidades de expansão de mercado e contribui para a divulgação das obras em larga escala, promovendo contato com o público, colecionadores e galeristas, o que gera encomendas e convites para novas mostras, palestras e oficinas. Outra dimensão fundamental é o estabelecimento de parcerias locais com entes públicos e privados, potencializando a rede de envolvidos na sustentabilidade dessas tradições.

A SAP gerou desdobramentos em projetos de intervenção local e apoio à produção, circulação e divulgação: o *Projeto piloto de apoio ao artesão*, de 1984; o *Programa de Apoio a Comunidades Artesanais (PACA)*,

que em 1998 resultou na criação do *Programa Artesanato Solidário*; e o *Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural (Promoart)*, de 2009 a 2018.

## SERVIÇO

**SAP – Sala do Artista Popular | Mercado Brasil de Artesanato Tradicional**

Até 28 de fevereiro de 2025

*Sala do Artista Popular (SAP) / CNFCP*

Rua do Catete, 179, Catete, Rio de Janeiro / RJ

Informações: [atendimento.cnfcp@iphan.gov.br](mailto:atendimento.cnfcp@iphan.gov.br)

*Dias/Horários:* de terça a sexta, das 10h às 18h; sábados, domingos e feriados, das 11h às 17h





Pagu, Anjo Incorruptível

Foto: Eduardo Ribeiro

# NÚCLEO TOADA celebra 18 anos com mostra de repertório, espetáculo inédito e ações que marcam protagonismo feminino

*Programação tem início no dia 22 de janeiro, no Teatro Studio Heleny Guariba, São Paulo*

Os 18 anos do Núcleo Toada serão comemorados ao longo de 2025 com uma intensa programação envolvendo shows, uma vivência e peças ligadas a temáticas femininas. Tudo começa com *DAQUI A POUCO, MEMÓ-*

*RIA* – uma mostra de repertório que acontece entre os dias 22 de janeiro e 8 de fevereiro de 2025 no Teatro Studio Heleny Guariba, com sessões de quarta a sábado, às 20h e, aos domingos, às 18h. Os ingressos



são gratuitos e devem ser retirados na bilheteria com uma hora de antecedência.

Ao longo das comemorações, o público poderá ver – ou rever – as apresentações musicais *Pagu do peito desabotoado*; *TríaDe Forrá* e *Sempre Nessa Toada*; *O amor segundo Chico Buarque*; o espetáculo *Pagu, anjo incorruptível*, e a *Desmontagem Cor de Chumbo*, com lançamento do álbum das canções do espetáculo. Haverá apresentações com acessibilidade em libras e audiodescrição durante a programação.

Com uma pesquisa definida pelo cruzamento entre as linguagens de teatro e música desde sua criação, o grupo sentiu o desejo de olhar para a sua trajetória e refletir sobre as transformações que marcaram a sociedade ao longo desses 18 anos. *“Foram muitas mudanças desde o início da nossa caminhada, quase duas décadas de história, de Brasil. E entre tantos temas que ganharam espaço, como questões de gênero, de sexualidade, raciais e socioeconômicas, começamos a refletir sobre o envelhecimento. Até pouco tempo não se falava em etarismo e como esse tema tem afetado nossas relações”*, conta Lilian de Lima, coordenadora do projeto e uma das idealizadoras do grupo.

A escritora, poetisa, diretora, cartunista, jornalista e participante do movimento modernista brasileiro, Patrícia Galvão (1910-1962), é uma referência de dois trabalhos na mostra, mas em formatos artísticos diferentes. Nos dias 22 e 23 de janeiro, *Pagu do Peito Desabotoado* vai ocupar o palco. Trata-se de um sarau poético-musical em homenagem à Patrícia

Galvão. O espetáculo traz trechos de sua produção textual sobre arte, política, maternidade e condição feminina.



Pagu do Peito Desabotoado

Foto: Amanda Amorim

A peça *Pagu, Anjo Incorruptível* será apresentada nos dias 25 e 26 de janeiro. Mesclando teatro documental e narração ficcional, a trama une fragmentos da biografia de Patrícia Galvão e a realidade de uma moradora da periferia de São Paulo – uma mãe solo, uma mulher como tantas outras. Cem anos separam essas duas Patrícias e, nesse vão de um século, surge uma pergunta: o que de fato mudou para nós, brasileiras e brasileiros?

O show *TríaDe Forrá* é a atração dos dias 29 e 30. Três artistas e suas convidadas se unem para forrar o palco de mulheridades dançantes. O repertório inclui forró e outros ritmos de compositoras brasileiras, além de canções que trazem narrativas femininas.



TríaDe Forrá

Foto: Alécio Cezar

Sempre nessa toada, *O amor segundo Chico Buarque* é o show dos dias 1º e 2 de fevereiro. Tendo como fio condutor as canções de Chico Buarque, o trabalho investiga, com delicadeza, lirismo, humor e muita música, os desafios surgidos na vida de João e Maria, um casal como tantos outros.

O encerramento da *DAQUI A POUCO, MEMÓRIA* acontece no dia 8 de fevereiro, às 20h, com a *Desmontagem Cor de chumbo*, a peça, suas canções, a ditadura e o lançamento do álbum. Na ocasião, o contexto histórico, trechos e canções da peça *Cor de Chumbo* serão apresentados ao público, marcando o lançamento do álbum homônimo.



Desmontagem Cor de Chumbo

Foto: Alécio Cezar

O repertório traz músicas autorais e apresenta o cotidiano de uma casa de shows nos anos 1970, em plena ditadura militar. A casa é gerenciada por Patrícia, uma ex-prostituta que faz performances musicais e é a atração principal da boate. Ela é amante de um general que, naquela noite, irá assistir ao show. Enquanto ensaia, acompanhada por um pianista, a artista conversa sobre o cotidiano, o medo da violência e seu relacionamento amoroso.

### VIVÊNCIAS E ESPETÁCULO INÉDITO

Existem mais duas ações previstas no projeto *ESCRITAS URGENTES – 18 anos do Núcleo Toada*, que serão realizadas ao longo de 2025. Ambas foram inspiradas no romance *Carta à Rainha Louca*, de Maria Valéria Rezende, que narra a história de Isabel, uma mulher aprisionada em um convento durante o Brasil colônia por criar uma comunidade de mulheres que não se encaixavam nos padrões sociais da época.

O livro se originou de uma carta real encontrada em 1982 escrita por D. Izabel Maria em 1754. No documento, ela se declara acusada e presa injustamente por ter criado nas Minas Gerais um convento clandestino que, na verdade, era um refúgio para mulheres pobres e desamparadas, chamadas de "sobrantes".

Partindo dessa ideia, o grupo elaborou a *Vivência Entre Mulheres*, com encontros para partilha e acolhimento, aberta a mulheres de todas as faixas etárias, em especial com mais de 60 anos, público que sofre cotidianamente com procedimentos de invisibilização e exclusão. Além do espaço de troca e fortalecimento, as par-

ticipantes irão desenvolver atividades de teatro, música, dança e autocuidado.

Por fim, acontece a montagem do espetáculo inédito *Escritas Urgentes*, uma adaptação teatral da ficção e do contexto histórico retratado por Maria Valéria Rezende, que promove uma reflexão sobre o papel feminino em uma sociedade patriarcal – seja nos anos de 1700 seja nos dias de hoje.

Este projeto foi contemplado pela 43ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

### SOBRE O NÚCLEO TOADA

O grupo se formou em 2006, quando estreou o show *Uma Toada para João e Maria, o amor segundo Chico Buarque*. O desejo de montar espetáculos que unissem duas linguagens artísticas, a música e o teatro, moveu os integrantes a mergulharem na pesquisa e criação desse que seria o primeiro de uma trilogia de shows tendo as canções de Chico Buarque como fio condutor. Desde então, o grupo deu origem a diversos trabalhos e vem se apresentando em todo o país com um repertório teatral, musical, poético e questionador.

### SERVIÇO

**DAQUI A POUCO, MEMÓRIA – Mostra 18 anos do Núcleo Toada**

*Data:* 22 de janeiro a 8 de fevereiro de 2025, de quarta a sábado, às 20h e, aos domingos, às 18h

*Teatro Studio Heleny Guariba*

Praça Franklin Roosevelt, 184, República, São Paulo / SP

*Ingressos:* gratuitos – retirada na bilheteria com 1 hora de antecedência

#### Show Pagu do Peito Desabotoado

22/1, quarta, às 20h, e 23/1, quinta, 20h (com intérprete de Libras)

#### Peça Pagu, Anjo Incorrúptivel

25/1, sábado, às 20h, e 26/1, domingo, às 18h (com intérprete de Libras e audiodescrição)

#### Show TríaDe Forrá

29/1, quarta, às 20h, e 30/1, quinta, às 20h (com intérprete de Libras)

#### Show Sempre Nessa Toada, O Amor Segundo Chico Buarque

– 1º/2, sábado, às 20h, e 2/2, domingo, às 18h (com intérprete de Libras)

Desmontagem Cor de Chumbo, a peça, suas canções, ditadura e lançamento do álbum – 8/2, sábado, às 20h



Sempre Nessa Toada, O Amor Segundo Chico Buarque

Fotos: b.giggier e jaqueb

Arte

Cultura

Gastronomia  
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra  
notícias boas*

**OXIGÊNIO**  
revista

Seus clientes  
ou sua empresa  
têm boas notícias  
para dar?

Então o lugar é aqui.

**ANUNCIE.**

Solicite nosso Mídia Kit.

[oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com)

(21) 3807-6497 / 97326-6868